

Parte 1

Recorte histórico: do Imperial Instituto dos Meninos Cegos ao Instituto Benjamin Constant

Paulo Felicíssimo Ferreira

DISCURSO DE ANTONIO LISBOA FAGUNDES DA SILVA, 1896

O próximo discurso foi escrito por um professor cego do Instituto, que declinou da história deste para documentar o que fora, até então, o progresso das associações voltadas aos interesses das pessoas cegas, não raro fundadas e dirigidas por elas mesmas, numa demonstração de que as minorias podem e devem escrever sua própria história.

Foi proferido pelo professor Antonio Lisboa Fagundes da Silva (cego, professor de Língua Francesa no Instituto Benjamin Constant) na Sessão Festival de 20 de setembro de 1896.

Senhores

Não competia a mim vir hoje, do alto desta tribuna, dirigir-vos a palavra oficial. Um talento brilhante adornado por uma voz máscula e bela fora chamado a tomar a palavra em nome do benemérito Grêmio que hoje realiza a sua festa anual. Infelizmente, uma dessas circunstâncias que a ninguém é dado prever, privou-nos a todos de apreciar mais uma dessas glórias que fazem o orgulho do nosso Instituto, o ilustrado professor Honório Corrêa Lima, que de boa vontade se havia prestado a falar-vos hoje em nome do Grêmio Comemorativo Beneficente Dezesete de Setembro. Assim, foi devido a esse contratempo que só ontem à tarde fui convidado a desempenhar imperfeitamente a honrosa, porém difícil missão de orador oficial nesta festa.

Não conteis pois, ouvir hoje um discurso como aqueles que desta tribuna têm sido proferidos e com que os meus ilustrados colegas Cesário Lima e principalmente Augusto Ribeiro têm conseguido prender-nos aos seus lábios, obrigando-nos a todos a conter a respiração para não perder uma palavra. Não, senhores, nem eu tenho o talento daqueles oradores, nem me foi dado o tempo necessário para, com algum trabalho, tentar suprir esta falta. Também não vos falarei nos progressos da instrução dos cegos em geral nem tão pouco da fundação do Instituto cujo 42º aniversário hoje solenizamos; esses assuntos já foram magistralmente tratados pelos oradores que nestas festas tiveram nos anos passados a honra de ocupar a vossa atenção.

Minha frase fria e desornada dar-vos-á apenas a narração verdadeira do que têm feito e qual é o intuito das associações que, como a nossa, se propõem a proteger os cegos.

Senhores, "a cegueira é tão antiga como a humanidade", diz Edgar Guilheau, ilustrado professor cego, em sua obra *Histoire de l'Aveugle*.

Mas, entre o cego que vivia isolado, em cujo caminho Moisés não permitia que se pusessem tropeços, mas a quem o salmista vedava a entrada no templo, entre esse cego e o cego instruído pela sociedade moderna, que faz às vezes hoje o ornamento do meio em que vive, pode-se estabelecer uma fase medieval que é a época da fundação das associações de cegos, ou, para servir-me da expressão dos autores que se têm ocupado desta matéria, a época dos tiflocômios.

Com efeito, senhores, as associações formadas pelos cegos e seus amigos para proteger outros cegos, não fazem parte das conquistas do século que vai acabar. Elas pertencem ao princípio daquela época que o Sr. Pierre Laffitte tão bem caracterizou com o nome de período feudal católico.

Foi no ano 630 da era cristã que teve lugar em Jerusalém a fundação do primeiro tiflocômio, asilo instituído por dois religiosos feridos pela cegueira; aí reuniram eles outros cegos, para louvarem em comum a divindade e procurarem na prática da religião um alívio para o sofrimento comum.

O sábio jesuíta Charlevois refere-se à academia dos cegos que, no Japão, desde tempos imemoriais se incumbia de conservar as tradições e, por conseqüência, de estudar a história de seu país para transmiti-la aos pósteros, tornando assim útil aos outros aquele exercício de memória que lhes fazia esquecer o infortúnio da cegueira.

Essa sociedade que, como os imortais da Academia Francesa, teve por muitos séculos um número invariável de membros; se já não existe no Japão moderno, subsiste modificada na Coréia, como se pode ver no interessante periódico "Valentin Haüy" de julho do ano passado (1895).

"Um fato", diz o citado Edgar Guilheau, "um fato curioso têm notado aqueles que estudam atentamente a história dos cegos, e é que todos os passos da evolução social têm, ainda que lentamente, sido acompanhados por eles". Com efeito, quando, para opor-se à tirania feudal, os povos começaram a reagir estabelecendo as comunas, assim como os operários estabeleceram as corporações industriais e os estudantes instituíram as congregações universitárias, assim também os cegos se reuniram em congregações uma das quais ainda hoje existe e é bem conhecida pelo nome de Hospice des Quinze-vingts. Um estudo pouco aprofundado da história dos cegos tem levado alguns autores a considerar S. Luiz como fundador dessa congregação que já existia desde o reinado de Philippe Augusto, seu avô, e a que ele apenas deu estatutos depois da cruzada de Damietta. É uma dessas inexatidões que se tem repetido, mas que a investigação moderna hoje refusa, restabelecendo a verdade.

Não foi só a congregação dos trezentos a associação deste gênero que teve vida própria; outras similares se fundaram em Chartres, Châlons, Meaux, Tournay, Francfort, Hull e Veneza, e foram mantidas por cegos e seus benfeitores para proteger outros cegos contra a mendicância.

Nem se pense que os governos feudais da Idade Média nem as monarquias absolutas dos séculos XVI, XVII e XVIII houvessem cuidado em dar alguma proteção aos cegos. Não. A não ser o capitular datado de 805 em Aix-la-Chapelle pelo qual Carlos Magno cominava severas penas contra quem maltratasse os cegos, nenhum ato se encontra em que os reis houvessem pensado nessa classe de súditos inúteis para a guerra.

Bem, ao contrário! É cruel, senhores, mas é verdadeiro que a rainha Isabel da Baviera, a esposa libertina do demente Carlos VI de França divertia as damas da sua corte, fazendo-as assistir ao espetáculo que oferecia a luta de alguns cegos contra um porco, provocando uma hilaridade criminosa as pancadas que, por um insignificante salário, aqueles infelizes davam uns nos outros querendo atingir o animal!...

Felizmente, é surpreendente ver o contraste que a humanidade remida pela revolução francesa de 1789 fez com estes tempos nefandos do regime feudal! Com efeito, por um de seus primeiros decretos, a Convenção Nacional mandou que passasse a ser um estabelecimento nacional mantido pelo governo a escola que, à custa do subsídio particular e dos seus minguados recursos, o pranteado Valentin Haüy mantinha para a educação dos cegos. Foi a primeira vez que o poder público se manifestou a favor dos infelizes para quem o sol, a aurora, as flores e o luar são palavras vãs! Para aqueles que só conhecem a natureza pelo bramido da tempestade, pelo estampido do trovão, pelo calor ardente com que o sol lhes cresta a pele ou pelos espinhos com que a rosa lhes fere a mão que nela busca achar beleza! Mas, assim como os benefícios da revolução francesa atingiram todos os outros povos, assim também o generoso exemplo dado pela Convenção Nacional não tardou a ser imitado e hoje, a grande maioria das nações civilizadas ufana-se de manter à custa dos cofres públicos ao menos uma escola em que os meninos cegos se habilitem para virem um dia a ser cidadãos úteis.

Todavia, o desprezo em que, por tantos séculos tinham vivido os cegos, e o pequeno número de órfãos da luz que têm conseguido ser educados, fazem com que, infelizmente em sua grande maioria, a humanidade encontre repugnância em considerar a educação dos cegos como solução de um importantíssimo problema social e econômico. Então por essa lei fatal de inércia, sempre contrária ao progresso, ela se abstém de pensar, e, assim como quem diz "o Papa" diz "o Santíssimo Padre", ainda que se trate de um Alexandre VI ou um João XX, quem diz "cego" diz "mendigo", sem se lembrar que esse cego pode ser um Fawcett, um Rodenbach ou um Castilho. É então que, quando um governo cumpre para com os cegos a promessa constitucional de dar instrução gratuita a todos os cidadãos, entende-se que ele está mantendo um estabelecimento de caridade.

É então que aparecem essas idéias de passar para uma só municipalidade a educação dos cegos de uma nação inteira, ou de entregar a uma associação particular o desempenho de uma promessa que todo o governo civilizado tem o dever de cumprir.

Felizmente, para os cegos brasileiros, o nome de Benjamin Constant patrocinará este Instituto perante os governos da República, como a influência de D. Pedro II o patrocinou perante os governos do império.

É para combater esses preconceitos que os cegos educados pelos governos civilizados se têm constituído em associações, para disputar a esses governos a honra de tornar úteis aqueles entes cuja enfermidade parecia condenar a servirem de peso à sociedade, mas para utilizar esses cidadãos dando-lhes trabalho, procurando empregá-los, só os auxiliando com recursos pecuniários quando outra causa de invalidez independente da cegueira os vem surpreender.

A França, a Bélgica, a Inglaterra e a Itália mantêm institutos de cegos à custa de seus governos, e entretanto, em todos esses países há associações destinadas a proteger os cegos, não dando-lhes instrução nem mantendo institutos, mas, dando a mão aos cegos, educando e fazendo-os utilizar a instrução que receberam. E os governos daquelas nações nunca pensaram em passar para tais associações o dever que lhes incumbe. Também, jamais pensará nisso o povo brasileiro, esse povo descendente dos tupis, que Gonçalves Dias proclamou "senhores em gentilezas, esse povo generoso que entre festa sabe operar as revoluções que só à custa de muito sangue se fazem nos outros países".

Senhores! O Grêmio em cujo nome tenho a honra de falar-vos tem por principal objetivo fazer a propaganda para a extinção do preconceito de que o cego só pode viver de esmolas ou em um asilo. Nós transferimos todos os anos esta festa para um domingo, porque desejamos mostrar ao maior número possível de pessoas laboriosas que este estabelecimento é um colégio em que se preparam trabalhadores e não um asilo destinado a manter ociosos.

Fazendo exhibirem-se perante vós estes educandos, fazendo-os colher aplausos de vossa parte, nós queremos animá-los ao estudo e ao trabalho; apresentando-vos ao mesmo tempo cidadãos que para o futuro reconheceréis quando recorrerem a vós pedindo não esmola, mas trabalho.

Agora, senhores, em nome de nossa associação, o que é o mesmo que dizer, em nome dos cegos que trabalham, eu venho agradecer ao Sr. Presidente da República a solicitude com que tem procurado elevar este Instituto, ao Sr. Dr. Brazil Silvado, nosso presidente honorário, a colaboração com que auxiliou a nossa humilde festa; à imprensa fluminense o auxílio que tem prestado à nossa propaganda; finalmente, ao respeitável público que tão gentilmente correspondeu ao nosso convite vindo animar com a sua presença esta solenidade.

Meus consócios! A bondade de todas estas pessoas é um incentivo para que continuemos a nossa propaganda. Unamo-nos, lutemos com as dificuldades e vençamos os preconceitos sociais; não deixemos arrefecer o nosso entusiasmo e, para robustecê-lo, enviemos no dia de hoje uma calorosa saudação às sociedades nossas co-irmãs já vencedoras: "Placements et Sècours", "Association Valentin Haüy" de Paris; "Confederation des Aveugles Belges" de Bruxelas; "Societé Thomaséo Protectrice dei Ciechi" de Florença e "British and Foreignblind Association" de Londres, e elevemos tanto quanto pudermos o pequenino e principiante porém futuro Grêmio Comemorativo Beneficente Dezessete de Setembro.

NOTA:

Publicado na Poliantéia consagrada à comemoração do 45º aniversário da instalação do Instituto dos Cegos no Brasil em 17/09/1899 - Biblioteca Nacional - Setor de Obras Raras.